

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
V. 7, N. 2, ano 2015 - Volume Temático: *Linguagem e Subjetividade*

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO SUJEITO NEGRO NO GÊNERO PUBLICITÁRIO: O CASO COCA-COLA

*Ana Lourdes Queiroz da Silva**
*Maria da Graça dos Santos Faria***

RESUMO

A temática do racismo é uma marca que transversaliza nossa história. A construção de uma identidade marcada pela ideologia do preconceito é uma realidade manifestada nos mais diversos tipos de discurso. Questiona-se como o *ethos* (identidade dita ou mostrada e sócio-historicamente determinada) se inscreve na memória coletiva através dos objetos culturais. Neste trabalho, descrevemos a construção do *ethos* discursivo do sujeito negro que se constitui a partir da análise da transcrição de texto presente no gênero anúncio publicitário (Coca-cola “Adotar alimenta a felicidade”, 2015), pois é na instância do discurso que as escolhas linguísticas e estilísticas se manifestam, demonstrando o modo como as representações do mundo foram historicamente delimitadas e categorizadas nos paradigmas de signos próprios de uma língua natural, projetando a imagem implícita e o comportamento ideológico dos sujeitos no ato de interação social. O trabalho apresenta como aporte teórico a conjunção entre o interacionismo sociodiscursivo nos estudos voltados para as modalizações enunciativas e vozes (BRONCKART 2007), a categoria do *ethos* em Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 2008) e as estratégias de controle dos enunciados nas situações de comunicação (FOUCAULT, 2012). O estudo comprova que a construção da identidade está ligada às escolhas ou omissões de palavras e estratégias de fala que orientam a produção do efeito de sentidos. Demonstra ainda, através da análise das materialidades linguísticas presentes nas vozes (sociais e dos personagens) e nas escolhas lexicais responsáveis pelas verdades produzidas, os procedimentos de domínio e de silenciamento dos sentidos contidos na construção da imagem do sujeito negro em circulação na sociedade.

Palavras-chave: *Ethos*. Modalizações. Memória.

ABSTRACT

The theme of racism is a mark that spans our history. The construction of an identity marked by prejudiced ideology is a reality manifested in all kinds of speech. One may wonder how the *ethos* (shown or verbal identity and socially or historically determined) is inscribed in collective memory through cultural objects. In this paper we describe the construction of the discursive *ethos* of black subjects that is based on the analysis of the transcription text of a advertising genre (Coke, 2015) once it is in the instance of discourse that language and stylistic choices manifest themselves, demonstrating how the representations of the world have been historically defined and categorized in the paradigms of natural languages own signs, projecting the implicit image and ideological behavior of the subjects in the act of social interaction. This work has as theoretical support the conjunction between the social discursive interactionism found in studies focused on modalizations and voices (BRONCKART, 2007), and the *Ethos* category in Discourse Analysis (MAINGUENEAU, 2008.2015) and statement control strategies outlined in communication situations (FOUCAULT, 2012). The study shows that the construction of identity is linked to choices or omissions of words and speech strategies that guide the production of meanings. It further demonstrates through analysis of linguistic materiality present in the voices (social and characters’) and the lexical choices responsible for produced truths, domain procedures and the silencing of meanings contained in the black subject image construction circulating in society..

Keywords: Discourse. Outsideness. Being-more.

* Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, na linha de Pesquisa Discurso, Literatura e Memória. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA. Professora de Língua Portuguesa do Magistério Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus São Luís – Monte Castelo. Endereço eletrônico: anaqueiroz@ifma.edu.br.

** Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Endereço eletrônico: gracafaria@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O *ethos* é um *elemento constitutivo da discursividade* que, segundo Maingueneau (2008), age de forma lateral ao discurso, mobilizando a afetividade do destinatário. As bases teóricas desta categoria são construídas sobre dois mecanismos distintos, a decodificação linguística e o tratamento inferencial dos enunciados para a construção da imagem do outro, na mobilização dos recursos cognitivos da ordem da empatia e no reagrupamento de fatos e sintomas.

Falar de *ethos* é detectar as exteriorizações ideológicas de uma sociedade, dentro de um recorte histórico. Mais do que um componente junto ao aspecto linguageiro, o *ethos* descortina o interdiscurso que se inscreve em momentos diferentes da vivência social. Consubstancia-se, então, outro dos objetivos aqui propostos, quando este mecanismo se apresenta enquanto instrumento de manutenção de uma memória discursiva, sedimentada nas impressões de uma dada época histórica.

Observamos que as inferências e avaliações contidas no implícito do texto constituem-se em um problema ao pesquisador devido à natureza subjetiva na qual repousa a memória. Para tanto, propomos a análise dos mecanismos enunciativos responsáveis pela construção do *ethos*, de forma que se analisem as regularidades linguísticas com vistas na explanação e comprovação das razões para a construção da identidade do negro.

Este estudo se faz de extrema relevância ao reconhecer a linguagem como instrumento de denúncia e conscientização social, uma vez que a construção do *ethos* se dá na enunciação, sem ser explicitado no enunciado. Para Maingueneau (2008), a questão do *ethos* está ligada à construção da identidade - as interações estabelecidas através das tomadas da palavra produzem efeitos de sentido, levando em conta as representações que os interlocutores fazem um do outro, bem como as estratégias de fala que orientam no itinerário dos discursos.

Como aporte teórico, apresentamos a Análise do Discurso enquanto um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção dos sentidos realizada por sujeitos históricos, através da materialização da linguagem.

Falamos de um lugar social e as palavras mudam de sentido de acordo com este espaço. Pêcheux (2008) inaugura este pensamento ao declarar que os sentidos das palavras mudam de acordo com a posição na luta de classes daqueles que a empregam. Assim, a posição social deste sujeito histórico ativará a circulação dos enunciados, materializados através da linguagem, promovendo a articulação entre história e memória, componentes da formação ideológica capazes de inscrever identidades. A produção de sentidos está, portanto, condicionada à materialidade da linguagem quando observada em circulação no âmbito social.

Na convergência dos estudos em Análise do Discurso e Memória está o Interacionismo sociodiscursivo, doravante ISD (BRONKART, 2007), categoria que investiga a interação, materializada em textos orais ou escritos, com vistas na produção de certos conteúdos que se repetem no tipo da linguagem e estrutura. Evocados do contexto social, os chamados gêneros textuais são criados historicamente para atender determinadas necessidades de interação verbal, as quais nascem, se estabelecem ou desaparecem, observando a dinâmica social. Estes constructos, por sua

vez, obedecem a estatutos nos quais conseguiremos materializar e demonstrar como as formações ideológicas estão inscritas na memória coletiva. Destes, o gerenciamento enunciativo, responsável pelas escolhas lexicais do enunciador do discurso, somado aos mecanismos enunciativos, instâncias onde repousam avaliações, contribuirão de forma decisiva para localização e descrição da categoria estudada neste artigo, o *ethos*.

Dessa forma, o texto está dividido em dois momentos. Em primeiro lugar, apresentaremos uma contextualização dos pressupostos teóricos mais amplos da Análise do Discurso, destacando o *ethos* enquanto categoria a ser analisada. Bem como destacaremos a contribuição do ISD como a categoria responsável pela análise das materialidades textuais nas escolhas dos itens lexicais determinados pelo modo como as representações do mundo foram historicamente delimitadas e categorizadas nos paradigmas de signos próprios de uma língua natural. Em seguida, apresentaremos a análise das modalizações enunciativas, contidas nos trechos transcritos, enquanto elementos responsáveis pela construção do *ethos* (identidade) do sujeito negro.

Consideramos que esse trabalho traz uma contribuição relevante ao ensino contextualizado, ao constatar as enormes lacunas na prática da leitura e inteligência, identificado nas mais diversas áreas de conhecimento. Isso comprova a importância de se estudar tal abordagem, bem como de aprofundar os estudos nessa temática.

Este trabalho insere-se nas pesquisas do Grupo de Formação em Linguagens – GEFORLIN, ligado à PRPGI/Instituto Federal do Maranhão, Campus São Luís – Monte Castelo e utiliza como base os estudos em Análise do Discurso e o ISD. Tal estudo serve para atualizar as pesquisas desenvolvidas a respeito da construção do *ethos* na memória coletiva, dos mecanismos de enunciação (ISD) e também para ampliar leituras sobre esse tema.

CONCEITOS NORTEADORES

A Análise do Discurso: pressupostos teóricos

O texto desempenha um papel central na análise discursiva, pois se manifesta enquanto unidades verbais que compõem o discurso. Objeto de estudo da Análise do Discurso, para esse destino convergem o linguístico e o extralinguístico, permitindo-nos a construção e reconstrução do entorno social, à medida que agimos e somos atingidos pelos efeitos de sentido promovidos através da interação e da palavra em movimento, inscrita histórica, ideológica e socialmente. Nesta senda, é pertinente dirigir-nos aos conceitos básicos de Análise do Discurso antes de adentrarmos na categoria central que norteará esta pesquisa.

Em definição do objeto de estudo em debate, Maingueneau (2008) aponta o discurso como um instrumento para inscrição das regularidades enunciativas, valendo-se para tanto de dados como: área social, política, econômica, linguística etc, enquanto espaços para o exercício da função enunciativa. Para o pesquisador, defrontar-se com a Análise do Discurso implica na compreensão de que o funcionamento discursivo, assim como as condições de enunciabilidade, se articula à inscrição histórica. Tais pressupostos são aferidos no cotejamento do Outro, uma vez que a análise isolada

de um único texto o restringe a si mesmo, enquanto estrutura fechada, ou à língua, enquanto finita. Instaura-se então a relação interdiscursiva, entendida enquanto o “meio de cultura para proliferação” de elementos que entremeiam e sustentam os discursos.

Para Maingueneau (2008), nesta relação se estrutura a identidade. É patente a indissociabilidade entre a prática discursiva e outras séries do seu ambiente sócio-histórico, sendo possível e pertinente pensar um sistema de articulações sem anular a identidade de cada instância (MAINGUENEAU, 2008). Assim, a necessidade de entender como o *ethos*, como elemento discursivo, se inscreve e a sua validade dentro deste contexto, instaura-se a temática que nos inquieta: a investigação acerca da forma como a imagem discursiva do negro aparece nos registros propostos inicialmente.

Na construção desta temática retomamos o pensamento de Michel Foucault:

[...] o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita apresenta-se como uma inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade cotidiana e cinzenta poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. (FOUCAULT, 2012, p.8)

Isto posto, a pesquisa sobre o *ethos* apresenta-se, portanto, como uma oportunidade de leitura em níveis mais aprofundados, na compreensão das representações evocadas socialmente. Em Charaudeau e Maingueneau (2006), a leitura do espaço social é uma atitude recuperada, através do discurso, por questões já inscritas na história dos sujeitos:

Representação coletiva cristalizada é uma construção de leitura, uma vez que ele emerge somente no momento em que um alocutário recupera, no discurso, elementos espalhados e frequentemente lacunares, para reconstruí-los em função de um modelo cultural preexistente. Pode então dizer que esteriótipo, como o clichê, depende do cálculo interpretativo do alocutário e de seu conhecimento enciclopédico. Constitui-se como topoi ou lugares-comuns, uma das formas adotadas pela doxa, ou conjunto de crenças e opiniões partilhadas que fundamentam a comunicação e autorizam a interação verbal. (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2006, p.215)

Outro conceito a ser abordado neste artigo, e não menos importante, encontra-se imbricado nas bases de construção do *ethos*, é o preconceito racial. Verificar os instrumentos ideológicos que inscrevem o *ethos* do sujeito negro na história, promovendo a manutenção de uma memória discursiva sedimentada neste comportamento social.

***Ethos*: imagens e construções**

O estudo do *ethos* foi inaugurado no início da década de 80 e vem sendo alvo de crescente interesse acadêmico, condição justificada devido a evolução da palavra proferida publicamente (MAINGUENEAU, 2008). Para o autor, a concepção de *ethos* ultrapassou as barreiras da enunciação, construída em observação ao *ethos* retórico e locomove-se agora norteador pelas influências do entorno social.

O *ethos* elabora, assim, por meio de uma percepção complexa mobilizadora da afetividade do intérprete, que **tira suas informações do material linguístico e do ambiente** (...) o *ethos*, por natureza, é um comportamento que, como tal, articula verbal e não verbal, provocando nos destinatários efeitos multissensoriais. (MAINGUENEAU, 2008, p.38, grifo nosso)

Essa noção de *ethos* permite-nos refletir sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos a certo discurso. A despeito da questão, ainda citamos como percepções fundamentais acerca da categoria em debate: (i) o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, portanto não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala; (ii) o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; (iii) é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação, ou seja, precisa estar integrada numa determinada conjuntura sócio-histórica. O *ethos* então se apresenta condensado no interdiscurso, que é materializado pelos textos produzidos percebidos historicamente na construção das relações de sentido inscritas e percebidas no Outro.

ISD/modalizações

O ISD é um quadro teórico que se inscreve na teoria da Psicologia da Linguagem, orientado pelos princípios epistemológicos do Interacionismo social. Esta orientação teórica entende as condutas humanas como “ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização”. (BRONCKART, 2007, p.13). Compreende as ações de linguagem como constitutivas e mediadoras do universo social, as quais carregam objetivos e significações de si e dos outros. Para Bronckart, “a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (BRONCKART, 2007, p.42).

Segundo o autor, a ação de linguagem é estabelecida “no nível sociológico, como uma porção da atividade de linguagem do grupo (...) e num segundo nível, psicológico, como o conhecimento, disponível no organismo ativo, das diferentes facetas da sua própria responsabilidade na intervenção verbal”, e nesta última instância, “nas questões relacionadas ao agir do leitor/produtor do discurso”, centrada na teoria dos gêneros textuais e tipos de discursos¹ (BRONCKART, 2007, p.71). Em Dolz (2010), compreende-se enquanto gênero de texto:

Assim, quando interagimos com outras pessoas por meio da linguagem, seja a linguagem oral, seja a linguagem escrita, produzimos certos tipos de texto que, com poucas variações, se repetem no conteúdo, no tipo da linguagem e na estrutura. Esses tipos de texto constituem os chamados gêneros textuais e foram historicamente criados pelo ser humano a fim de atender a determinadas necessidades de interação verbal. De acordo com o momento histórico pode nascer um gênero novo, podem desaparecer gêneros de pouco uso ou, ainda, um gênero pode sofrer mudanças até transformar-se num novo gênero. (DOLZ, 2010, p.32)

¹ É importante ressaltar a ambivalência do termo Discurso na teoria do ISD e da AD, já demarcada aqui neste trabalho. Para Bronckart o discurso, em contraste com diversos quadros teóricos, constitui-se como a atividade da língua em contexto, enquanto para a AD o discurso é a produção de sentido entre interlocutores.

Desta forma, os gêneros, formas históricas produzidas a partir da interação dos organismos através das ações de linguagem, são constituídos por discursos, a materialidade linguística que entra na composição dos gêneros (narração, relato, discurso interativo, discurso teórico etc), oriundas das situações de produção (mundos discursivos) e articulados por mecanismos de textualização (conexões e coesão) e, o foco principal da pesquisa neste quadro teórico, os mecanismos enunciativos (vozes e modalizações).

Mecanismos de enunciação

Para Bronckart (2007, p.130), os mecanismos enunciativos (vozes e modalizações) “contribuem para o estabelecimento da coerência do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático e, de outro, as próprias fontes dessas avaliações (...)”, voltam-se para a interação, consolidando-se através da coerência temática, processo no qual o agente/produzidor evoca significados envoltos em um universo histórico-social, demarcado nas vozes e modalizações.

Gerenciamento de vozes e posicionamento enunciativo

Evoca o estatuto do autor, ou seja, aquele que está na origem ou é o responsável pelo texto; a partir de uma situação de linguagem, a figura do autor demarca sua atuação no texto escolhendo o conteúdo, o gênero adequado, os tipos de discurso e os mais adequados mecanismos a fim de tornar a linguagem um instrumento efetivo no ato de comunicação. Quanto ao explanado, é fundamentado pelo ISD:

Quando empreende uma ação de linguagem, o autor mobiliza, do vasto conhecimento de que é sede, subconjuntos de representações que se referem, especialmente, ao contexto físico e social de sua intervenção(...)Como todos os conhecimentos humanos, essas representações são construídas na interação com as ações e com os discursos dos outros e, mesmo quando são alvo de organização singular, resultante da dimensão experiencial própria de cada pessoa, continuam portanto os traços dessa alteridade constitutiva. (...) esse confronto das representações pessoais com as representações dos outros não se pode efetuar apenas no ‘espaço mental’ do autor: ele exige a criação de um espaço mental comum ou coletivo (mundo discursivo). (BRONCKART, 2007, p.321-322)

Na essência da construção apresentada, as vozes assumem papéis distintos, assumidos ou imputados socialmente, capazes de evocar as formas de realização mais concretas do posicionamento que são as modalizações. Desta forma, as vozes oriundas dos universos textuais podem apresentar-se como: (i) vozes de personagens; (ii) vozes sociais (são as vozes procedentes de personagens, grupos ou instituições sociais que não intervêm como agentes no percurso temático de um segmento do texto); (iii) voz do autor (procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém, como tal para comentar ou avaliar algum aspecto do que é enunciado).

Expressão das modalizações

“Pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação do seu conteúdo temático” (BRONCKART, 2007, p.330). Constitui a materialidade onde está consubstanciada memória, história e ideologia. É a parte concreta do texto que se liga, de maneira incontestável, às formações histórico-ideológicas de uma sociedade.

Bronckart (2007) classifica as modalizações em: (i) modalizações lógicas: consistem em uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, sob a perspectiva de critérios emergentes do mundo objetivo, e apresentam os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados (ou certos), possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc; (ii) modalizações deônticas: procede da avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, apoiada nos valores, nas opiniões e nas regras constitutivas do mundo social, apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas de uso; (iii) modalizações apreciativas: avaliam-se alguns aspectos do conteúdo temático; procedente do mundo subjetivo da voz que é a fonte deste julgamento, apresentando-os como benéficos, infelizes, estranhos etc., do ponto de vista da entidade avaliadora; (iv) Modalizações pragmáticas: promovem a explicitação de alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição etc) em relação às ações de que é o agente, e atribuem a esse agente intenções, razões, causas, restrições ou capacidades de ação.

A ANÁLISE DO MECANISMOS DE ENUNCIÇÃO: A MATERIALIDADE NA PRODUÇÃO DOS SENTIDOS

As escolhas lexicais compõem importante cenário na construção do gênero publicitário. No entanto, são as vozes procedentes de grupos ou instituições sociais, que não intervêm como agentes no percurso temático do segmento deste tipo de texto, as responsáveis pela difusão de uma ideologia.

Sob a temática da adoção, um casal de brancos resolve explicar para uma criança negra as diferenças físicas que podem redundar em uma percepção preconceituosa da própria criança e do entorno social do qual ela faz parte. Para Achard (1999), a análise da construção discursiva do sentido e o seu funcionamento repousa sobre o seguinte fundamento:

(...) a memória não pode ser provada, não pode ser deduzida de um corpus, mas ela só trabalha ao ser reenquadrada por formulações no **discurso concreto** que encontramos. O implícito de um enunciado, não contém sua explicitação, não se pode provar que ele tenha existido em algum lugar. O que funcionariam seriam os operadores linguageiros imersos em uma situação, que condicionam o exercício de uma regularidade enunciativa (...). Através das retomadas e das paráfrases, produz-se na memória um jogo simbólico que constitui uma questão social. (ACHARD, 1999, p.8)

Sob a perspectiva do ISD, os mecanismos de enunciação “contribuem para o estabelecimento da coerência do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático e, de

outro, as próprias fontes dessas avaliações (...)” (BRONKART, 2007, p.130). Estes mecanismos são gerenciados por estatutos construídos dentro de um mundo discursivo que levam em consideração as vozes de enunciação, o gerenciamento das operações de linguagem, o posicionamento enunciativo, bem como as expressões de modalizações responsáveis pela construção do discurso apresentado.

Quanto ao gerenciamento das vozes enunciativas, a voz do enunciador tem a missão de demonstrar que o momento do diálogo em família é o momento de “Abrir a felicidade”, fazendo analogia ao fato de abrir o produto anunciado, também reforçado pelo slogan “comer junto alimenta a felicidade!”. O gênero apresenta três personagens (dois adultos brancos e uma criança negra) dialogando. Percebem-se as vozes dos personagens expressando as ideias do contexto através do discurso direto. Acerca das vozes sociais, apresentam-se de maneira a não participar do percurso enunciativo do diálogo, mas povoam a cena de enunciação com o objetivo de demonstrar que o ato de adoção é capaz de vencer as diferenças.

Quanto às expressões de modalizações, a linguagem apresenta-se como a via através da qual a ideologia será materializada. Por intermédio destas pistas textuais, consubstancia-se o gerenciamento dos discursos distribuídos ou cerceados socialmente. Doravante, analisam-se os trechos transcritos do gênero anúncio publicitário, da Campanha da Multinacional Coca-cola, “Adotar alimenta a felicidade” (2015):

- (1) FALA 1: (Mãe) - Meu amor, eu e o papai/nós não temos o cabelo tão cacheadinho e lindo como o seu... (o pai interrompe)

A escolha do elemento em destaque (tão) demarca um efeito de sentido acentuada pela modalização apreciativa. Procede do mundo subjetivo da voz que é a fonte deste julgamento. As vozes dos personagens esforçam-se maximizando características “tão cacheadinho e lindo(...)”. As escolhas lexicais utilizadas para caracterizar o primeiro item de diferença entre o casal e a criança são reforçadas pela marca da modalização apreciativa. Para Foucault (2012, p. 08-09) o controle e seletividade do discurso ratificam perigos e poderes que podem ser comprovados através da materialidade linguística.

- (2) FALA 2: (Pai) – É, mesmo que a gente não seja assim...parecido...porque você é muito mais bonita...
- (3) FALA 3: (Mãe) - muito.

Neste trecho evidenciam-se episódios de silenciamento. As caracterizações tornam-se escassas ou mesmo inadequadas, antes porém, percebe-se na materialidade do discurso realizada no diálogo, a retomada da modalização apreciativa da voz do personagem (Pai) através da palavra assim (...segue o silêncio). Apesar de termos um registro lexical para tais comportamentos sociais, o silêncio na voz dos personagens pode ser semiotizado como o silenciamento da voz social quanto a ação do preconceito inscrito no *ethos* da criança adotada. Para o gênero publicitário, este tipo de gerenciamento de linguagem, oriundo das convenções sociais, são validados a partir do agir social em um mundo subjetivo. Para Foucault (2012), o silenciamento constitui-se em um processo de exclusão:

(...) é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce. Escuta de um discurso que é invertido pelo desejo, e que se crê – para sua maior exaltação ou maior angústia – carregado de terríveis poderes. Se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece. (FOUCAULT, 2012, p.13)

O silenciamento acerca da cor da criança, algo óbvio em tela, demonstra o problema que cerca construção do *ethos* dito e do *ethos* mostrado em relação a identidade do negro, que através de um texto de caráter eufêmico, provoca a adesão dos sujeitos sociais, “a separação historicamente constituída é delineada no discurso que prescreve e contribui para sua realização, provocando a adesão dos sujeitos” (FOUCAULT, 2012, p.14), dando a impressão de que a democracia racial é uma realidade e questão do negro é um tema que deve ser calado nos debates que povoam o seio familiar, caracterizado pelo momento da refeição, quando a própria marca evoca que se *Abra a felicidade!*

Outro ponto a ser observado diz respeito ao fantasioso destaque à condição intelectual da criança. Em A ordem do discurso (FOUCAULT, 2012), obra consultada para a construção deste artigo, o exagero é apresentado enquanto mecanismo de separação: “(...) pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua (...) estranhos poderes” (...), através da palavra atribuída simbolicamente, que em um dado contexto torna o sujeito desarmado e reconciliado, representado em sua identidade o papel do que o autor chama de verdade mascarada.

(4) FALA 5: (Mãe) - É/ nós somos os seus pais!

(5) FALA 6: (Pai) - Amor.

A incoerência na construção do diálogo, pontuada através da falta de continuidade temática, reforça a postura de silenciamento e fuga em relação a temática que realmente deve ser ressaltada: um casal de pessoas brancas adotaram uma criança negra em uma sociedade racista.

(6) FALA 4:(criança) – Eu já sei o que vocês estão querendo dizer: mesmo que vocês gostem de beterraba e eu não, o que importa são as coisas iguais que a gente sente, e é por isso que eu adotei vocês. Tá bom?

O trecho é iniciado através da modalização pragmática. A voz da personagem, caracterizada pelo seu mundo subjetivo, apresenta, através da sua avaliação, um estranhamento quanto ao fato de seus pais gostarem de beterraba e ela não (mecanismo de separação reforçado pela conclusão fantasiosa da criança). Está materializado mais uma vez o silenciamento do preconceito real vivenciado pelo sujeito negro, quando o enunciador (a voz social) interrompe a intencionalidade discursiva, desviando-a pela falta de fundamento da criança. A construção de sentido que repousa na escolha de *mesmo* é reduzido à condição de preferências e não a aceitação e reconhecimento da sua cor. Uma maneira de registrar na memória que o preconceito racial é inexistente e as diferenças são reduzidas a questões banais. O diálogo é finalizado através de uma modalização pragmática, “Tá bom?”.

Embora a personagem não apresente consciência do seu estatuto enquanto autor da voz que constrói seu discurso, a voz social se encarrega de imputar-lhe o sentido. Na prática, não há efeito volitivo quando a criança decide, na contramão do poder, adotar seus pais. Sua capacidade de ação

é fantasiosa, demonstrando o lugar social de onde fala o negro: convicto do poder, mas empoderado pelas instâncias sociais (por não ter inteligência, por não se emancipar, por não ter fundamento, mas por parecer cômico).

Os processos de controle que procedem do exterior do discurso são procedimentos de controle e delimitação que põe em jogo o poder e desejo. Nos trechos demonstrados, os mecanismos de enunciação materializados através da linguagem em uso apontam para o que Foucault (2012) chama de vontade da verdade e palavra proibida. Os lapsos e silenciamentos são delineados pela voz social que, através do itinerário das circunstâncias, insinuam a proibição da palavra “negro”. “(...)a vontade de verdade apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos(...) uma espécie de pressão e como que um poder de coersão”. (FOUCAULT, 2012, p.17). O olhar assustado, na verdade, retoma a vontade de uma verdade que é mascarada e que, no seu bojo, é mantida refém de formações ideológicas materializadas na linguagem de uma memória racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de identidades sociais é produto resultante da relação de forças, impostas por elites simbólicas que têm o poder de classificar, definir ou nomear. No universo desta temática, os textos empíricos apresentam-se como laboratórios ideais para a observação da realidade construída nos mundos formais, transversalizadas pela história, munindo o sujeito de formações discursivas que determinam o que pode ou não ser dito. Atestam ainda que a linguagem, espaço da materialização da ideologia, constitui-se em uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da memória, o que postula a existência de representações anteriores que se materializam e circulam, consolidando-se em representação social na prática discursiva.

Os trechos da peça publicitária aqui apresentados, demonstram, através das modalizações, vozes enunciativas e escolhas lexicais como a força oculta denominada controle do discurso. Os sentidos das palavras volatilizam em detrimento do lugar social. O *ethos* do negro constitui-se clivado pela ideologia racista e materializa-se na instabilidade e conveniência de ser negro. Através das escolhas lexicais, das vozes, do lugar social de onde falam estas vozes e da força das modalizações materializadas na linguagem destes discursos, o sentido é construído, submetido à circulação, ou não, e relaciona história e memória, comprovando que o *ethos* do negro ainda tem o seu cerne nos embates da ideologia de cor.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre (et all). **Papel da memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo: EduSc, 2007.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção, escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5^a.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 10^a. Ed. São Paulo: Pontes, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística 2: domínios e fronteiras**. 5^a. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NASCIMENTO, Luciano Carvalho do. **A materialidade Linguística da construção do ethos – uma perspectiva discursiva e cognitivista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michael. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5^a. Ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Ideología y Discurso: una introducción multidisciplinaria**. Barcelona: Ariel, 2003.

